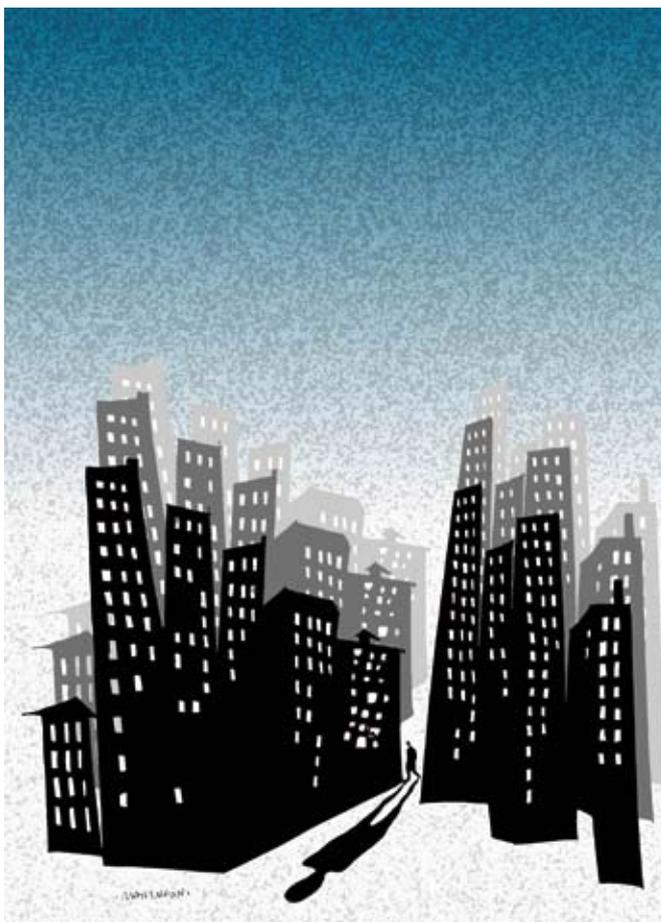


# K., UMA TRAGÉDIA BRASILEIRA

Que sociedade é esta, que se recusa a enterrar uma Ditadura formalmente extinta há quase três décadas? Essa é uma das indagações suscitadas pela leitura de *K.*, primeira incursão do jornalista, professor universitário aposentado e veterano autor Bernardo Kucinski nos territórios da ficção. “Ficção”? Talvez não seja esta a melhor definição para o livro de Bernardo. Como ele mesmo explica: “Tudo neste livro é invenção, mas quase tudo aconteceu”.

*K.*, o protagonista central, é o pai de Bernardo. *K.* sai em busca da filha Ana Rosa, militante de um grupo armado de oposição à Ditadura Militar, que desaparece sem dar notícia. As dolorosas andanças desse pai em desespero são o *leitmotif* da narrativa. Melhor dizendo, são o sujeito oculto, por assim dizer, das várias narrativas paralelas de que se constitui o livro, que compõem um mosaico de personagens dos anos Setenta, envolvidos e arrastados pelas atrocidades da Ditadura Militar, tal e qual fizeram as criaturas de Dante nos círculos do Inferno.

Bernardo retrata impiedosamente a frieza com que o círculo de amigos e conhecidos mais próximo de *K.*, um judeu cultor do iídiche, recebeu o seu drama pessoal e dele se dissociou. O submundo dos informantes da Polícia, a sordidez de certos comportamentos, a solidariedade de dom Paulo Evaristo Arns, tudo comparece para reinventar a tragédia que marcou a vida de *K.* e de sua família. Também cita — pela voz de uma testemunha — a “Casa da Morte”, em Petrópolis, onde presos políticos sentenciados à morte pelos órgãos de repressão eram



executados e tinham seus corpos esquartejados para que não fossem localizados. Este capítulo, “A Terapia”, é um dos mais cortantes, a dilacerar almas, a clamar por justiça.

Impressiona, para quem já conhece algo da história dos grupos que lutaram contra a Ditadura Militar, o capítulo final, “Mensagem ao companheiro Klemente”. Ana Rosa e seu companheiro militavam na Ação Libertadora Nacional (ALN). O autor da mensagem, “Rodriguez”, dirige-se a um dos líderes remanescentes do grupo, que foi desmantelado pelo regime militar, para discutir a sorte da organização

e os erros cometidos. Tão grande é a verossimilhança alcançada que houve quem procurasse Bernardo, acreditando tratar-se de um documento real!

“Quase tudo aconteceu”. Ana Rosa Kucinski Silva, a irmã de Bernardo, era professora do Instituto de Química (IQ) da Universidade de São Paulo. Seqüestrada pelo DOI-CODI do II Exército, foi assassinada com seu companheiro Wilson Silva. Embora todos no IQ soubessem que sua ausência no campus estava de algum modo relacionada à sua militância política, e que ela poderia estar presa ou morta, Ana Rosa foi demitida da USP por “abandono de emprego”, por decisão da Congregação do instituto (*Revista Adusp* 49, p. 82).

O episódio da demissão da filha de *K.* é relatado à página 147 do livro, em capítulo intitulado “A reunião da Congregação”, que publicamos a seguir.

**Pedro Estevam da Rocha Pomar**  
Editor da *Revista Adusp*